



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13257 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

A COZINHA E A CULINÁRIA COMO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NA PESQUISA COM NARRATIVAS: SOBRE CIRCULAÇÃO DOS AFETOS NA DOCÊNCIA DE PROFESSORAS NEGRAS

Maicelma Maia Souza - UFRB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

Anete Abramowicz - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEUSP

A COZINHA E A CULINÁRIA COMO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NA PESQUISA COM NARRATIVAS: SOBRE CIRCULAÇÃO DOS AFETOS NA DOCÊNCIA DE PROFESSORAS NEGRAS

Resumo: O presente resumo se propõe a apresentar resultados parciais de pesquisa em andamento, contendo uma introdução fundamentada iniciada pelo objetivo geral da pesquisa, seguida da questão-problema e dos resultados até então encontrados, para justificar o uso da cozinha e da culinária como estratégia metodológica deste trabalho investigativo. Durante o texto é possível identificar o referencial teórico utilizado para esta abordagem, dando foco na análise sobre a história das mulheres negras com a cozinha, bem como na conceituação da categoria afeto, uma vez que as análises referem-se às narrativas de professoras negras com ênfase na circulação dos afetos que organizam suas práticas pedagógicas. As referências podem ser conferidas ao final do trabalho.

Palavras-chave: circulação dos afetos – cozinha – culinária – metodologia – professoras negras

Este trabalho se insere nos estudos em Educação para apresentar resultados parciais do projeto de tese, que tem como objetivo compreender o que as narrativas de professoras negras, com ênfase na circulação dos afetos, dizem sobre a atividade docente, tendo a cozinha

e a culinária como estratégias procedimentais para a metodologia de pesquisa qualitativa. Os estudos de Machado (2021) trazem uma análise crítica e social sobre a relação entre mulheres negras e a culinária, evidenciando, a partir do lugar da cozinha brasileira, as hierarquias, violências e relações de poder que se perpetuam na sociedade deste o período escravista até os dias atuais. A autora apresenta ao longo de sua análise, a forma como as casas foram arquitetadas no período colonial, reservando à cozinha, um espaço insalubre, desnivelado, lamacento e que ficava a cargo das mulheres negras escravizadas produzirem a culinária da família de senhores, o que ocorria, muitas vezes, fora da casa. Vale salientar que, além de toda essa estrutura precária, as cozinheiras ainda tinham que manejar utensílios pesados, muitas panelas e potes grandes de barro, precisavam acender o fogão de lenha conferindo a temperatura para o preparo de cada tipo de culinária, tratavam e manuseavam de forma artesanal muitos alimentos, como milho, feijão, arroz, açúcar, o que significava que era um trabalho muito arriscado pelas péssimas condições, cansativo e complicado (MACHADO, 2021). Se no período colonial, as condições arquitetônicas refletiam o espaço no qual as cozinheiras deveriam ocupar, bem como a maneira pela qual eram (des)tratadas além das condições precárias de trabalho, na colonialidade, apesar da sofisticação das grandes casas e das exigências sanitárias para este cômodo, as relações permanecem alicerçadas no racismo e no sexismo, na objetificação dos corpos negros e na desvalorização do trabalho doméstico (MOREIRA, 2011), não só do ponto de vista da remuneração, como também de sua significação: o lugar destinado à mulher negra. Gonzalez (2020) denuncia que, a articulação do racismo com o sexismo produz efeitos agressivos sobre a mulher negra, o que caracteriza a “neurose cultural brasileira” (Ibid., p. 76) reforçada pelas noções de “mulata, doméstica e mãe preta” (Ibid., p. 76). Localizar e estimular o corpo da mulher negra como subalterno e subserviente é garantir que o controle das desigualdades sócio-raciais seja mantido sem questionamento. Entretanto, o projeto epistêmico decolonial adotado no trabalho garante que outras narrativas sejam evidenciadas como formas válidas de existências, para além dos lugares estereotipados que a colonização e a colonialidade imprimiram (BERNADINO-COSTA; MOLDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2018). Neste sentido, reconfiguramos a cozinha para a abordagem metodológica deste trabalho, ao substituir a noção de lugar de servidão e subalternidade, para, de um lado, ser o espaço onde o preparo da culinária é a estratégia que agrega sujeitas de pesquisa, com suas narrativas e experiências, e, de outro lado, como espaço central nesta pesquisa, para ressignificar a cozinha, positivando este lugar na história das mulheres negras, com o intuito de responder a seguinte questão: Quais afetos circulam na prática docente de professoras negras, considerando o projeto decolonial de educação? Damos ênfase à circulação dos afetos por entender que os comportamentos e atitudes das professoras estão dotados, não só de significação e sentidos, valores e crenças, que, além de refletir suas atividades profissionais, também desconstruem à noção de neutralidade científica (SANTOS, 2018) mas, também, são dotados de forças, de afetos para além das significações centradas em cardápios analíticos já sedimentados. Para Sodré (2016) é importante compreender como os afetos são formados envolvendo emoções e sentimentos para gerar ações, uma vez que a tendência que supervaloriza a racionalidade, tende a colocar as “paixões” em lugar secundário, presentes com os “artistas, os poetas, os amantes, os

visionários” (Ibid., p.39). O autor, porém, ao construir uma consistente análise das perspectivas filosóficas sobre as concepções de afeto e emoções, aponta a presença desta dimensão sensível, também, “com os inventores da racionalidade filosófica, como Platão e Aristóteles, para os quais o pensamento nasce de um *páthos*, presentes nos sentimentos de medo, curiosidade, preocupação e espanto (*thaumatzein*) diante do mundo e das coisas” (SODRÉ, 2016, p.39). Assim também, Safatle (2018) propõe uma reflexão sobre o circuito dos afetos que alicerça os corpos políticos e, de certa forma, produz o fundamento dos vínculos sociais, talvez, muito mais efetivo do que as leis, normas ou as regras. Na intenção de produzir um trabalho coeso, utilizamos também os estudos de NASCIMENTO, 2021; SÁLÁMI; RIBEIRO, 2015; OYĚWÚMÍ, 2021; GUEDES, 2016; hooks, 2020; SOUZA, 2021; PIEDADE, 2020, dentre outras autorias intelectuais do campo da educação e das relações étnico-raciais. Dessa forma, a cozinha e a culinária para a abordagem metodológica desta pesquisa se constituem como um laboratório para: i. sensibilização das sujeitas de pesquisa; ii. reunião de sabores e troca de conhecimentos; iii. partilha de narrativas, histórias e experiências de racialização; iv. compreensão sobre a circulação dos afetos que mobilizam a docência e a comunidade em que estão envolvidas; v. re-apropriação desse espaço positivando-o. Participaram desta pesquisa 6 professoras, que atuam em diferentes níveis de educação no município de Amargosa-BA. Os encontros foram marcados conforme disponibilidade das colaboradoras, sendo que, quando necessário, foram agendados encontros individuais, e era na cozinha o local de cada encontro. Foi sugerido que utilizássemos uma culinária que tivesse relação com a história pessoal de cada professora, como estratégia mobilizadora para “quebrar o gelo” entre as participantes. Os resultados iniciais apontam que os afetos que circulam na atividade docente estão diretamente relacionados com as experiências pessoais das professoras, o que nos auxilia a compreender os limites, as possibilidades e os entraves que compõem o contexto escolar e o exercício de sua profissão. Podemos inferir também que a culinária funciona como um instrumento que une diferentes gerações e mantém vivas as memórias construídas no interior de cada família, com seus modos de existir e de se reinventarem, portanto, estando presente também no ambiente escolar por meio da merenda, sua escolha e preparo podem ser conduzidos como uma oportunidade para fazer circular memórias positivas e comportamentos mais acolhedores para com a comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

- BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. (Coleção Cultura Negra e identidades)
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaios, intervenções e diálogos / organização: Flavia Rios, Marcia Lima. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020
- GUEDES. Aline Soares. Sociabilidade e comensalidade de um quilombo remanescente em

São Paulo: Cafundó (1999 – 2016). 2016. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2016.

hooks, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. / tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020. 272 p.

MACHADO, Taís de Sant’Anna. “UM PÉ NA COZINHA”: uma análise sócio-histórica do trabalho de cozinheiras negras no Brasil. 2021. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

MOREIRA, Nubia Regina. A organização das feministas negras no Brasil./ - Vitória da Conquista: Edições UESB, 2011.

NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos. Organização Alex Ratts. –1ª ed.—Rio de Janeiro : Zahar, 2021

OYÊWUMÍ, Oyèrónké. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero/ tradução wanderson flor do nascimento. - 1ª ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PIEIDADE, Vilma. Dororidade. São Paulo: Editora Nós, 2017. – 3ª reimpressão 2020.

SAFATLE, Vladimir. O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparos e o fim do indivíduo. – 2 ed. rev.; 3. reimp. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018

SÁLÁMÍ (King), Síkirù; RIBEIRO, RonildaIyakemi. Exu e a ordem do universo. – 2ª ed. – São Paulo: Editora Oduduwa, 2015

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. – 8.ed. – São Paulo: Cortez, 2018

SODRÉ, Muniz. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política.-2.ed.- Rio de Janeiro: Mauad X, 2016

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Prefácios de Maria Lucia da Silva e Jurandir Freire Costa.—1ª ed.-- Rio de Janeiro: Zahar, 202